

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **À MEMÓRIA DE SOUSA VITERBO (HUMÍLIMO PREITO DA REVISTA DE GUIMARÃES) COM ALGUMAS CARTAS INÉDITAS A MARTINS SARMENTO E REVERENDO OLIVEIRA GUIMARÃES.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1946 | Número: 56

---

### **Como citar este documento:**

(sem indicação de autor), À Memória de Sousa Viterbo (humílico preito da Revista de Guimarães) com algumas cartas inéditas a Martins Sarmiento e Reverendo Oliveira Guimarães. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 251-288.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# À memória de Sousa Viterbo

(humíllimo preito da REVISTA DE GVMARÃES)

com

Algumas cartas inéditas a Martins Sarmiento  
e Rev.<sup>do</sup> Oliveira Guimarães

---

(Conclusão de pág. 149)

Mas o jornalismo não é só, em *Viterbo*, uma atracção literária, então muito em voga e onde se revelaram e exercitaram muitos dos nossos maiores e melhores valores na vida espiritual e artística, como na científica e política. Relembremos os nomes de *Pinheiro Chagas*, orador parlamentar, dramaturgo, historiador, novelista, polígrafo; de *António Enes*, cuja obra de colonizador justamente se vai consagrando; de *Emídio Navarro*, o terso polemista das *Novidades*, onde, a seguir, marcou relêvo *Barbosa Colen*, sagaz, com estudos excelentes sôbre certos capítulos de História, e que eu tive a honra de conhecer na Câmara dos Deputados; e *Mariano de Carvalho*, o astuto político e criterioso financeiro; de *Oliveira Martins*, que tem, nos seus trabalhos históricos, das mais belas páginas da nossa literatura; do famoso *Sampaio* (António Rodrigues) do *Espec-tro*; de *Teixeira de Vasconcelos*, o autor do *Prato de arroz doce* e da *Ermida de Castromino*; de *Elias Garcia*, o democrata, e de *Latino Coelho*, ponderado e sabedor; de *Fialho d'Almeida*, o grande, o admirável *Fialho*, que serviu como secretário fiel a ilustre redacção do famoso *Reporter*, que devemos considerar como forte monumento da nossa imprensa; de

*Valentina de Lucena, D. Maria Amália Vaz de Carvalho*, uma das nossas mais insignes escritoras de todos os tempos; de *Alberto Braga*, elegante cronista e pitoresco desenhador e colorista de contos animados; de *José Maria de Alpoim*, tão eloquente na expressão, tão vivo no dizer, tão sugestivo no impulso político; de *Joaquim Martins de Carvalho*, do *Conimbricense*, e do *Dr. Martins de Carvalho*, que conheci em Coimbra e muitas vezes encontrei no Café do Marques Pinto, abancado à mesa, a escrever artigos admiráveis sôbre arte e artistas, entre dois copos de cerveja, a fumar um charutinho; de *António José de Almeida*, carácter de raça, coração sentimental de lusiada, o último grande orador romântico, com estuos lampejantes e dominadores, alma pura e nobre e grande; de *Brito Camacho*, verdadeiro homem de letras, sarcástico mas construtivo, um político eminente, cuja obra, se a tivesse podido realizar, marcaria certamente uma época; de *José Caldas*, erudito, a quem se ficam devendo êsses monumentos que são a *História de um Fogo morto*, os seus trabalhos no Município Portuense, os seus apontamentos sôbre *D. Frei Bartolomeu dos Mártires* e a sua obra de polemista e de propagandista de ideias sãs e fortes; de *Agostinho de Campos*, mais tarde Professor da Faculdade de Letras, cuja obra notável de ensinamentos fecundos, pela cultura, espírito superior de observação, elegância cortez e discreta de ironia e de crítica, lhe confere indiscutível primazia nos escritores do nosso tempo; do *Dr. Cunha e Costa*, azougado e irrequieto, sarcástico e romântico, por vezes de académicos raptos oratórios; até ao malogrado *Anibal Soares*, meu amigo, condiscípulo e companheiro nos tempos de Coimbra, talento formoso, com raras qualidades de artista das letras, encerrado, afinal, na labuta periódica, onde ficam dela algumas das melhores páginas do nosso jornalismo. . . . E tantos mais, tantos, em Lisboa, como *Silva Pinto*, *Eduardo de Barros Lôbo* (o *Beldemónio*), *Câmara Lima*, de gracioso humorismo, *Eduardo Schwalback*, cintilante comediógrafo, e *Alberto Pimentel*, romancista; no Pôrto, como *Urbano de Castro*, *João Chagas*, *Sampaio Bruno*, espírito curioso e complexo, cuja obra encerra muito valiosa informação de leitura e

conhecimento, *Emídio de Oliveira, Sá de Albergaria*; e terras de província — como, ainda há pouco, se revelou na perfeitamente justa e merecida homenagem, prestada em Viana do Castelo, a *Bernardo da Silva*, envelhecido no profissionalismo, redactor da *Aurora do Lima*.

Não. Em Viterbo há uma outra determinante psicológica, da maior importância no seu estudo biográfico, que o leva ao jornalismo, ou que, depois de êle ter subido à redacção do jornal com os seus primeiros artiguinhos literários, o prende lá dentro e o domina: é o exercício de certa missão que mentalmente o fascina. Ele vê, conhece, sente que é êsse o lugar mais próprio para a cumprir eficientemente, com a repercussão necessária a torná-la prática no mais lato alcance possível. *Sousa Viterbo*, não esquecido da sua origem, tem amor ao povo trabalhador, ao mesteiral, ao artista, ao operário, ao jornaleiro. Esse afecto, muito íntimo e muito profundo, não se degrada em frivolidades de torneio oratório, a daninha triaga que tanto envenenou muita gente, nem se ata as asas de Icaro das correntes nevróticas de novas formas de filosofar e sociologar. *Viterbo* é são, honesto, consciente: é pobre e trabalha, sabe o que se deve ao pobre que só conhece a dura lei do trabalho, não quer cobrir-se com os arminhos de gloriosa fama e de aureolado nome — o que êle visa é a honrar o nome e a magnífica, valiosa e imensa, obra anónima e obscura dos que trabalham. Este sentimento pulsa-valhe nas veias. Em 1873 — ainda, pois, quando estudante e a propósito da primeira escola —, escrevia: «Às vêzes, quando se está na aldeia, vê-se passar em manhãs áridas, assopradas de ventos gélidos, os filhos do moleiro com os pêsitos nus e as mãozinhas roxas. Levam a tiracolo o saquitel dos livros e dentro do peito o mêdo, a tristeza e o desalento. São os proletários de amanhã, e se êles, nos grandes dias de comoções sociais, trouxerem o ódio no coração e o grito de guerra na bôca, lembremo-nos que tiveram a amargura da escola e pisaram a neve com os pés descalços e comeram o pão negro nos caminhos desertos, e em vez dos afagos da Mãe sofreram os castigos bestiais do professor. Que profundo contraste entre

os rapazitos andrajosos das aldeias e essas crianças louras e risonhas, florescentes de saúde, que se embalam sob ondas de cambraia, aos murmúrios do piano! Uns sentaram-se no lajedo de uma casa humilde, de paredes rôtas, onde o vento assobiava; outras têm as cadeiras almofadadas, a sala cheia de luz e de flores, os livros risonhos, engrinaldados de estampas. E, no entanto, apesar dos cristais e do piano, das flores e das pinturas, apesar ainda do sorriso meigo e insinuante da professora, eu preferira ser a criança agreste, o rapaz selvagem, o perdido das florestas, o cismador dos caminhos, por que a minha imaginação subiria aos céus, os meus pensamentos sombrios se embrenhariam na sombra das devesas e a minha alma se alargaria na imensidade e solidão das campinas» (23).

Ao ver passar, a caminho da aula, os filhos do moleiro... «Meu Avô materno era moleiro. ... O moínho podia ser o emblema da minha heráldica». E êle era estudante da Escola Médica. A êsse tempo, como hoje ainda, aliás, a formatura, em certos e muitos, actua como aristocratizadora: o brasão das letras que, nas sociedades modernas, se sobrepôs, ou intentou substituir ou equiparar-se, ao brasão das armas, havendo, às lutas acesas dos torneios e das batalhas, sucedido, em novas épocas, históricas já, o combate das ideias e dos conhecimentos, as pugnas, não menos ardorosas, das palavras e dos escritos. Quási não é mais assim, ao menos nesta crise dramaticamente pavorosa, em que andámos, como os naufragos, a esbracejar no reconto de marés vivas, em impetuosas correntes dos mais desvairados sentidos. Era então, e foi largo espaço, depois. Todavia, *Sousa Viterbo* via, com os olhos da alma, as duras penas do seu Pai, que se fez homem por si, e de muitos outros filhos de moleiro, com os pés descalços, à má sorte dos tempos, para o cárcere tristonho de uma aula fria, onde, mais vulgarmente, se bem que não raro o verdadeiro sacerdote e mártir da instrução popular, um carrasco, de temperamento hepático ou sádico, expandia a sua bília ou se deliciava bruta-mente a palmatoar com esvurmos de ferocidade as pequeninas mãos arroxeadas de frieiras ou moídas na dureza dos rudes trabalhos caseiros. E com seus

pensamentos sombrios, embrenhando-se na sombra das vevas, cismou em quantos, na imensidade e solidão das campinas, afanosamente labutavam e produziam. Essas crianças agrestes, êsses rapazitos selvagens, eram, e bem cêdo na vida, eram os obscuros, os anónimos, os ignorados trabalhadores que, desde a manhã da vida social, a constroem, a alimentam, a vestem, a ornam, a amparam, a enriquecem, a impulsionam e fazem progredir e melhorar, e a divertem com o suor de sangue do seu trabalho, das suas lágrimas, da sua fome, da sua miséria, da sua tortura física, da sua angústia moral. Aquela visão trazia-a êle em sua alma, estava em seu coração gravada a fogo. Era do povo — e duramente sabia por amarga experiência o longo peregratório de abnegação e sacrifícios de tôda a ordem que tivera de penar e de vencer para ter, no seu lar, amanhã o pão nosso de cada dia, como o próprio pão nosso daquele mesmo dia. Assim, como tantos outros, guiado pela inteligência do coração (que é a verdadeira inteligência humana, e não a cerebral, desvirtuada, se não já mesmo em degenerescência pelo fácil e cómodo assimilar de teorias feitas, de concepções delirantes, de seitas de predomínio), quis ser, como do povo, a bem do povo. «Dêsse mesmo espírito liberal e democrático — escreve um seu biógrafo, já aqui citado — é prova a conferência pública efectuada por *Sousa Viterbo* no ano lectivo de 1871-1872 (era então aluno da Escola Médica de Lisboa) subordinada ao título *Roma e o Clero*, e na qual dissertou acerca das *Relações de Portugal com a Côrte de Roma*».

Instruir, educar, cultivar, elevar o povo, e tornar conhecido e respeitado o honrado trabalho do povo honrado, foi a principal determinante psicológica de *Sousa Viterbo* se manter no jornalismo e ser tôda a vida um jornalista.

Este cuidado sério, preocupante, recresceu quando, nas suas tão demoradas investigações nos velhos arquivos, foi encontrando elementos preciosíssimos sôbre o valor quantitativo e qualitativo do trabalho nacional. E êste é um ponto dos mais importantes da sua grande obra histórica. Sôbre *Artes e Artistas em Portugal* e *Artes e indústrias Portuguesas* são, pelo menos, e

directa ou expressamente, vinte e duas as suas obras publicadas, sem falar das muitas referências, com o mesmo objectivo, que se encontram nos seus muitos e diversos trabalhos de história e de arte, ou sôbre assuntos navais e militares, como em *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, As Grades de Santa Cruz de Coimbra, Fundidores de Artilharia, Armarias e arsenais portugueses no seculo XVI, Trabalhos nauticos dos portugueses nos seculos XVI e XVII, Architectos e engenheiros militares portugueses, ou a serviço de Portugal, O Fabrico da Polvora em Portugal* <sup>(24)</sup>...

Com razão — e forte contentamento pelo profícuo resultado da sua fervorosa recolha — escreve: «O estudo do movimento das artes em Portugal mereceu sempre pouquíssima atenção aos nossos investigadores, e é esta uma das causas principais por que se luta hoje com tamanhas dificuldades para se chegar ao conhecimento do nosso passado artístico. . . . O cortejo dos fidalgos deixou na sombra a turbamulta obscura dos artistas. . . . Há anos, porém, que se observa um movimento de reacção e é com justificado prazer que vemos uma corrente de estudiosos dedicar-se ao exame de tôdas as manifestações da actividade portuguesa, sobretudo no que diz respeito às artes, às indústrias, à vida popular pròpriamente dita» <sup>(25)</sup>.

Com o avolumar das pesquisas feitas e em presença dos documentos inéditos e desconhecidos, que vai fielmente reproduzindo, pode, mais tarde, afirmar com desvanecimento: «As distinções sociais generalizaram-se, applicando-as o homem aos produtos do seu trabalho. A arte e a indústria correspondem, por assim dizer, à nobreza e à plebe, sendo as artes industriais — têrmo médio ou traço de união entre as duas — uma espécie de burguesia. O belo e o útil são os extremos do campo da actividade, mas às vêzes confundem-se, enleiam-se, consubstanciam-se, formando um todo harmónico» <sup>(26)</sup>.

Então começou a remodelar-se a nossa história, quando, da simples cronologia de reis e batalhas com datas e mais datas — um trato da memória —, ela passou a ser o que deve ser, a da nossa terra e nossa gente. *Viterbo* tudo aproveitou, do rude trabalho do oleiro

primitivo ou do ferreiro medievo ao traçado arquitectural dos grandes monumentos gloriosos. Na sua galeria passam centenas de obreiros: só em *Documentos sobre varias industrias portuguezas* estão incluídas trinta e seis espécies. O que o insigne *Gama Barros* fez para a *Administração Pública*, sob o ponto de vista histórico, e o nosso eminente *Alberto Sampaio* para a *vida rural* através dos séculos nas *Vilas do Norte de Portugal* e nas *Póvoas Marítimas*, o realizou *Sousa Viterbo*, até o último alento, para a história e a vida do *Trabalho Português*.

Nascera *Sousa Viterbo* e conservara-o impoluto um carácter fundamental — suma e consciente probidade. Na vida íntima, na profissional e de sociedade. Formado em Medicina, foi, como sabemos, nomeado Facultativo naval, com exercício no Hospital da Marinha. Ignoro (e não vale a pena averiguá-lo) se o cargo tinha farda, ou se chegou a vesti-la: mas sei que a vida marítima apaixonou... a sua paixão do estudo — a assuntos militares e navais é consagrada uma parte da sua obra<sup>(27)</sup>. Em 1881 (ano em que vai a Londres, encarregado da Exposição Portuguesa de Arte), havendo-se exonerado desse lugar, entrou, como Professor interino, para o Curso de Belas Artes, onde regeu a 3.<sup>a</sup> e depois também a 2.<sup>a</sup> cadeiras, até ser, em 1901, nomeado efectivo de *História da Architectura*, a 14.<sup>a</sup> cadeira. Artista por temperamento, historiador por devoção e com o até mesmo obsessivo ardor das pacientes investigações, do seu professorado, que foi com inteira, sólida e corroborada certeza, muito eficiente e distinto, não ficou só a instrução educativa comunicada a seus alunos, mas proveio às letras portuguezas um riquíssimo e variado manancial de lições eruditas, hoje indispensáveis numa obra clássica. Bastará, ao acaso, citar os *Cruzeiros de Portugal*, *Os Paços Reaes de Alcanhões* e de *Vallada*, *Noticia de alguns esculptores portuguezes ou que exerceram a sua arte em Portugal*, *L'enseignement des Beaux-Arts en Portugal*, *A gravura em Portugal*, *Architectos das praças d'Africa* — *Lourenço Arqueiros*, *Noticia de alguns pintores portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal*, e o já famoso *Diccionario historico e documental*

*dos architectos, engenheiros e construtores portuguezes, ou a serviço de Portugal* <sup>(28)</sup>.

Diz-se por aqui do homem que se queima em trabalhos mentais: «é pessoa muito ocupada». A ocupação foi a vida canseirosíssima de *Viterbo*: ler e estudar para ensinar a escrever. Nestes verbos, tão comuns mas de variabilíssimo significado, se resume e define tôda sua biografia. A Casa, a Escola, a Tôrre do Tombo ou os Arquivos. Na *Archeologia artistico-militar* (*Ourives espadeiros. Ourives de gineta. Freeiros*), ainda se lamenta: «Nas exporações quási ininterrompidas a que durante anos procedi na Tôrre do Tombo são inúmeros os apontamentos que extraí dessas inexauríveis minas da história, e que sinto não ter fôrças nem tempo para coordernar devidamente». Entretanto, colabora com intensidade volumosa e continuidade metódica e persistente na *Revista Militar*, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, na *Revista Archeologica*, no *Instituto de Coimbra*, na *Revista de Guimarães*, nas *Memórias da Academia*, no *Branco e Negro*, na *Revista Lusitana*, na *Portvgalia*, no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes*, no *Archeologo Portuguez*, na *Medicina Contemporânea*, no *Archivo Historico Portuguez*. O seu espírito, por vêzes, deleita-se, espraia-se em assuntos vários, desde que tenham um cunho de carácter histórico <sup>(29)</sup>, pois à História fez êle voto de penitente, zelosa, amantíssima consagração <sup>(30)</sup>. Sem que, e com freqüência, deixe de vibrar, na sua alma meditativa, a irradiação poética, o sentimento da literatura, insuperável em organizações como a sua <sup>(31)</sup>.

*Sousa Viterbo* pertence àquele período, fortemente vincado, de uma salutar pujança de renovação científica, de florescência plástica e de cultura literária e artística, que o torna grandemente fecundo e brilhante, e no qual êle por mérito condigno ocupa lugar de justo relêvo. O efeito imediato dos seus trabalhos foi evidenciar a necessidade elementar, mas não praticada ou raro, de fundamentar as achegas históricas, em qualquer plano, em documentos dignos de fé e crédito e de reconstruir sôbre êses seguros alicerces as figuras e os quadros de costumes <sup>(32)</sup>, as

evocações, a própria narrativa ou coordenação dos acontecimentos. O seu exemplo foi a lição a muitos que, felizmente, se dedicam a trabalhos, de certo modo correlacionados com alguns dos que elle havia indicado ou tratado. Obreiro infatigável e denodado, no seu vastíssimo labor, abrangendo tão variadas espécies, accumulam-se muitos conhecimentos, hoje indispensáveis a quem precise ou queira aprofundar o nosso passado, como elle foi enquanto vivo. Trouxe-nos, palpitante, um Portugal, que nos era desconhecido, aos portuguezes e que é bem nosso, bem português, pelo amoroso sacrificio, pela abnegada dedicação, pela teimosa persistência, pelo acréscimo de graça e beleza e ternura que das nossas veias e da nossa maneira de sentir lhe insuflamos e transmitimos. Lamente-se não ter sido, e não ser ainda essa obra conhecida como devia e merecia ser <sup>(33)</sup>, mas congratulando-nos e associando-nos às justas homenagens que, em boa hora, evocaram a sua memória illustre e respeitável, curvemo-nos perante o homem que soube pelo trabalho honrar o trabalho dos artistas e trabalhadores portuguezes.

EDUARDO D'ALMEIDA.

---

### **Cartas de Sousa Viterbo a Martins Sarmento**

Lisboa, 11 de novembro de 1893

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

R.<sup>ce</sup> hoje, e agradeço reconhecido, o excellente opusculo de V. Ex.<sup>a</sup> acerca de ligures e celtas. Ha muita gente — os invejosos, os maldizentes e os madraços — que folga com estas polemicas pessoas, porq. a sua insignificancia fica satisfeita com o que elles imaginam a mutua destruição. A mim causa-me pena que homens do valor de V. Ex.<sup>a</sup>, que se entregam a estes trabalhos por mera satisfação do espirito, pela ancia do saber e pelo desejo de ser util á sciencia, se vejam obrigados a desperdiçar o seu tempo

n'estas luctas inglorias. Quando tinha mais sangue na guelra, isto é quando tinha mocid.º e saude, gostava de ripostar, mas ás vezes envergonhava-me e doia-me de ter de enterrar a garra n'um sendeiro.

Hoje, se alguém me vem ladrar ás pernas, não faço caso e soffro tudo com a philosophia dos scepticos. Vou indo o meu caminho, buscando em mim proprio a coragem e não no aplauso dos outros, e m.º menos na critica, rarissimas vezes sincera. Os vaidosos e insignificantes mordem-se de qualquer sombra que os outros involuntariamente lhes façam e d'ahi o seu desespero e a sua má lingua.

Não é só na politica que ha má educação. Na litteratura e na sciencia parece que ainda são mais ardentes e injustas as paixões. Ha um prazer infernal em deprimir os outros, quando tudo se poderia dizer de luva branca, impessoalm.º, sem ferir a susceptibilid.º de ninguem. Uma das causas que me magõa é ver quanto Herculano malbarateou de tempo e de talento nas contendas estereis com uns adversarios, que só lograram não ficar inteiramente esquecidos á custa do nome do grande historiador. Melhor vingança tirou elle escrevendo a *Historia da Inquisição* em resposta aos que o atacavam em nome da reacção religiosa.

Mas, agora reparo que estou escrevendo uma dissertação em vez de um bilhete d'agradecimento. V. Ex.ª me perdoará, certo de que encontrará sempre a estima e a consideração de quem é

De V. Ex.ª

Collega obscuro e adm.ºr sincero

*Sousa Viterbo.*

S/c. R. de S. Roque 36 — 4.º

Lisboa, 4-6-94

Ex.ºmº Snr.

Envio a V. Ex.ª um exemplar da *separata* do numero henriquino do *Instituto*, 2.ª serie dos *Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos XVI e XVII*.

Esta memoria foi redigida muito á pressa para satisfazer ao pedido da redacção daquella revista, e porisso alguns artigos, como os de Guilhem e André Homem, não vão tão completos como eu desejava. Tencio todavia refundir e ampliar estes estudos e, juntando-lhe uma lista dos constructores navaes, publicar um volume bastante extenso por occasião do centenario da descoberta da India — isto se a vida se espacejar até lá.

Vi um dia d'estes na Torre do Tombo, em poder do meu amigo José Bastos, um exemplar da descripção de Tagilde, *separata* da *Revista* da Socied.<sup>e</sup>, de que V. Ex.<sup>a</sup> é digno fundador. Não seria possivel, por intermedio de V. Ex.<sup>a</sup>, alcançar-se um exemplar p.<sup>a</sup> juntar ás minhas colleccões?

Desejando-lhe todas as venturas, sou com a maior consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

S/c. R. de S. Roque 36, 4.º

---

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

Recebi hoje a carta de V. Ex.<sup>a</sup> e agradeço sumamente reconhecido o seu favor. Peço egualm.<sup>te</sup> p.<sup>a</sup> transmittir os meus agradecim.<sup>tos</sup> ao prestimoso e infatigavel abbade de Tagilde.

Sinto a doença de V. Ex.<sup>a</sup>, mas se o mal dos outros pode servir de consolo, aqui tem companheiro na desgraça. Seria todavia impertinencia da minha parte juntar a uma carta de agradecimento o rabo-leva da jeremiada. Levemos a nossa cruz ao Calvario e nos prazeres do estudo busquemos um lenitivo ao nosso mal. Sabe Deus o que me tem custado esta philosophia da resignação, mas como me habituei a ella já nem lhe sei o preço.

Como sempre

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

Lisboa 24-6-95.

*Sousa Viterbo.*

**Cartas de Sousa Viterbo ao Abade de Tàgilde**

Lisboa, 13-6-94

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

R.<sup>ce</sup> ante-hontem a descripção de Tagilde, e se me não chegou mais cedo ás mãos foi por certo por trazer a direcção errada. A minha residencia actual é na rua de S. Roque, 36, 4.<sup>o</sup>, onde V. Ex.<sup>a</sup>, quando vier a Lisboa, terá sempre uma casa ás ordens.

Será superfluo dizer lhe que li com m.<sup>to</sup> gosto o seu interessante opúsculo, que achei escripto com muito criterio e recheado de curiosissimas informações. Ainda bem que V. Ex.<sup>a</sup> nos promete ampliar o seu estudo ás demais freguesias do concelho.

No mesmo dia, em que recebi o seu opusculo, era lido na Comissão dos Monumentos nacionais o questionario que vai ser dirigido a todos os parochos do paiz. Assim que estiver publicado, enviarei um exemplar a V. Ex.<sup>a</sup>, pois talvez aproveite com algumas indicações ali exaradas, levando-o a dirigir o seu espirito na senda de outras investigações, sobretudo acerca de objectos de culto, liturgia, costumes, etc.

Entre nós tem-se atendido pouco até agora ás manifestações das artes ornamentaes e industriaes: o questionario chama à attenção especialm.<sup>te</sup> para as obras de metal (grades de ferro forjado, fechaduras, chaves, cofres) relogios, orgãos, livros illuminados, rendas, bordados, etc.

No meu livro *Artes e Artistas* dediquei um artigo á relojoaria portugueza e por estes dias deve sahir outro estudo, sequencia d'aquelle, no *Jornal do Commercio*. No *Diario de Noticias* tenho publicado artigos acerca de instrumentos musicos e de sinos.

Pedia portanto a V. Ex.<sup>a</sup> o obsequio de observar attentam.<sup>te</sup> o q houver a este respeito e m.<sup>to</sup> me obsequiará communicando-me qualquer noticia.

Não haverá em Tagilde nenhuma inscripção, nenhum azulejo de algum merecimento, mais nenhum objecto de culto alem da cruz de S. Gonçalo?

Esta é realm.<sup>te</sup> m.<sup>to</sup> curiosa e de valor artistico e archeologico. Existem todavia, felizmente, no paiz bast.<sup>es</sup> especimens, sendo a m.<sup>s</sup> notavel a de ouro, de D. Sancho, que foi de Santa Cruz de Coimbra e está hoje no Gabinete numismatico de el-rei. No *Minho Pittoresco* vem tambem o desenho de outra identica á de S. Gonçalo, existente, se me não falha a memoria, em Ancede.

Agora reparo eu que me vou alongando demasiado, como o Vizella em inverno continuo e tempestuoso. V. Ex.<sup>a</sup> me desculpará, attendendo a que é hoje dia de Santo Antonio. E pondo ponto á torrente epistolographica, peço p.<sup>a</sup> q. me creia

De V. Ex.<sup>a</sup>

adm.<sup>or</sup> sincero e agradecido,

*Sousa Viterbo.*

Lisboa, 13-7-94

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

Acabo de receber o seu novo opusculo *Influencia dos Papas* e apresso-me em lhe dar os devidos agradecimentos.

Interessou-me m.<sup>to</sup> a noticia acerca dos azulejos historicos do Convento da Costa, que estão a pedir uma descripção e estudo mais desenvolvido. De que época serão? Por quem seriam e onde seriam fabricados? Tem alguma inscripção ou nome d'author? De certo que V. Ex.<sup>a</sup> procederá a este minucioso inquerito quando tractar especificadam.<sup>te</sup> d'aquelle convento. Eu talvez lhe possa fornecer algum documento inedito a tal respeito.

Vejo q V. Ex.<sup>a</sup> publicou mais um folheto descriptivo *Convento de Santa Clara de Guimarães*. Pedia o obsequio de me indicar se foi posto á venda e onde, para o mandar adquirir.

Peço q sempre me creia

De V. Ex.<sup>a</sup>

adm.<sup>or</sup> sincero e obg.<sup>o</sup>

*Sousa Viterbo.*

Lisboa 25-3-95

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

Fui no sabbado á Torre do Tombo, mas ali só existem meia dúzia de documentos, modernos e sem importancia acerca do convento dos capuchos de Guimarães. Não conheço o Archivo dos Proprios Nacionaes e porisso não sei dizer se elle poderá fornecer algum contingente. E' possível, porem, que V. Ex.<sup>a</sup> encontre alguma cousa nos cartorios dos escrivães de fazenda de Guimarães ou Braga.

Ha tempos, nas minhas investigações na Torre do Tombo, deparei com um docum.<sup>to</sup>, creio q na chancellaria dos Filipes, a proposito de Tagilde, curioso p.<sup>a</sup> o estudo da topographia local. Como vi, q. poderia interessar a V. Ex.<sup>a</sup>, tomei nota, m.<sup>s</sup> agora, rebuscando-a nos meus apontam.<sup>tos</sup>, não a vejo. Apparecerá quando não queira e então terei cuidado de a transmitir logo, p.<sup>a</sup> que se não perca de novo.

Sentindo não poder por agora corresponder mais efficazmente ao pedido de V. Ex.<sup>a</sup>, peço licença p.<sup>a</sup> me assignar

De V. Ex.<sup>a</sup>Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero*Sousa Viterbo.*

Lisboa, 9-6-95

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

Apresso-me em agradecer a offerta do seu opusculo, que hoje recebi, e que, pela rapida inspecção que d'elle acabo de fazer, me parece ser das melhores e mais proficuas contribuições do centenario antoniano.

Não seria possível indagar-se a procedencia dos azulejos antonianos da egreja de S. Francisco? Seriam de industria nacional? Não terão alguma inscripção elucidativa, ou marca do author?

O documento que encontrei ha tempos na Torre do Tombo acerca de Tagilde é um aforamento e acha-se na chancellaria de Filipe I, Doações, L.<sup>o</sup> 13, fol. 170.

Renovando as minhas felicitações, sou com a maxima consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Lisboa, 14 de Agosto de 1895

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

R.<sup>ce</sup> hoje uma estimada carta de V. Ex.<sup>a</sup> com a copia de mais uma inscripção relativa ao mestre João Garcia. Felizmente que ainda chega a tempo, pois ainda não se começou a compôr a letra *G* do meu *Diccionario de architectos*. Parou na folha 21 e ha 2 mezes, que se não imprimiu mais nada, por haver outros trabalhos mais urgentes, embora, creio eu, menos uteis. O 1.<sup>o</sup> volume deverá ter 30 a 32 folhas e talvez só no fim do anno é que estará prompto — se estiver!

Não sei se ainda prosegue a *Revista* da Socied.<sup>e</sup> Martins Sarmiento. Se ainda proseguisse tinha tenção de enviar para lá um estudosinho sobre *artistas de Guimarães*. Já tenho colleccionado docum.<sup>tos</sup> acerca de 8: dous mestres de carpintaria, 2 de pedraria, dous armeiros, um ourives e um relojoeiro. Tambem tençiono escrever uma curiosa noticia acerca da procissão e do culto de S. Gualter na mesma cidade. Só tractarei d'isto lá para outubro, porque o mez de Setembro espero passal-o fóra de Lisboa.

Sei que V. Ex.<sup>a</sup> esteve aqui e até nos chegamos a encontrar um dia na Torre do Tombo sem nos conhecermos... E' de ferro! Espero todavia que V. Ex.<sup>a</sup> não deixará de nos fazer em breve outra visita e que terá a bon.<sup>de</sup> de me prevenir, p.<sup>a</sup> ter o gosto de o abraçar.

Sou com a maxima consideração

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Lisboa 22 de Outubro de 1896

Ex.<sup>mo</sup> Senr.

Recebi hontem a sua collecção de *Documentos ineditos* relativos ao mosteiro de S. Salvador do Souto, o que muito agradeço e pelo que sinceramente o felicito. Em França e outros paizes são vulgares, sob o nome de *Cartulaires*, as publicações dos documentos dos conventos, abbasias e corporações identicas, mas entre nós creio que o trabalho de V. Ex.<sup>a</sup> é o primeiro no genero. Merece por isso os incondicionaes louvores dos estudiosos. Quasi todos os documentos se referem á vida economica do mosteiro: não existirão outros que se refiram á sua vida artistica, aos mestres ou artifices que fizeram para elle algumas obras?

Eu tenho coordenada e quasi prompta uma pequena monografia, em que tracto dos artistas e artifices de Guimarães, de que tenho achado documentos. E' uma lista de cerca de 18 nomes. Desejava publical-a na *Revista* da Socied.<sup>e</sup> Martins Sarmiento, com a clausula de se tirarem alguns exemplares em *separata*. E' cousa para 1 folha de 16 pgs. ou pouco mais. Estou persuadido que deve ser um razoavel elemento de informação para os trabalhos que V. Ex.<sup>a</sup> traz entre mãos acerca da historia de Guimarães. Peço-lhe por conseguinte o obsequio de conversar com o Snr. Martins Sarmiento a este respeito e de me transmittir a resposta para eu concluir, logo que possa, o indicado trabalho.

Reiterando os meus agradecimentos e felicitações, sou com a maxima estima

De V. Ex.<sup>a</sup>Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero*Sousa Viterbo.*Ex.<sup>mo</sup> Senr.

O meu bilhete cruzou-se no caminho com a carta de V. Ex.<sup>a</sup>. Obrigado por todas as suas curiosas informações. Pergunta-me se não tenho o opusculo

do Sanches de Baena acerca do Gil Vicente. Não se lembra q. fui eu q. obtive o exemplar para V. Ex.<sup>a</sup>? Esta obra precisa ser lida com o maximo cuidado e se V. Ex.<sup>a</sup> a examinar com attenção verá que é uma verdadeira *supercherie* littéraire, como dizem os franceses. Espero proval-o em estudo especial dedicado a Gil Vicente. Isto se a saude e o tempo me derem logar. Emq.<sup>to</sup> á *separata*, as que tenho feito no *Instituto* são de 50 ex.<sup>s</sup>.

Como sempre

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Lx.<sup>a</sup> 16-XI-96.

Lisboa, 16-XII-96

Ex.<sup>mo</sup> Senr. e meu presado confrade

Peço desculpa de não ter acusado e agradecido immediatam.<sup>te</sup> a sua penhorante carta do dia 8 do corrente. Estou summamente reconhecido ao empenho que V. Ex.<sup>a</sup> tão generosamente mostra em me obsequiar. E' pouco explicita a noticia acerca do tal Capucho architecto, mas pode ser que um dia se venha a esclarecer e completar. E' bom nunca lançar ao despreso o que ás vezes isoladam.<sup>te</sup> nos parece insignificante.

Já revi as provas do meu estudosito sobre os artistas e artifices de Guim.<sup>es</sup>, ao qual fiz um pequeno adicionam.<sup>to</sup> final. Não sei agora quando sahirá a *Revista*. Pedia-lhe o obsequio de me enviar um ex. logo que a receba. Emq.<sup>to</sup> á *separata*, se não avolumasse m.<sup>to</sup> a despeza, podia por-se-lhe um frontispicio com o seg.<sup>te</sup> titulo

**Sousa Viterbo**

### **Artistas e artifices de Guimarães**

Noticia documental publicada primitivam.<sup>te</sup> no numero. . . . .  
 anno. . . . . da *Revista de Guimarães*

Tenho já em preparo outra monographiasinha: *Procissões e festas religiosas*. Abre o cortejo a procissão de S. Gualter, dessa cidade. Se lhe quiserem dar ahi cabimento, nas mesmas condições da anterior, peço o obsequio de me prevenir para a dar em tempo opportuno. Deve egualar, um pouco talvez p.<sup>a</sup> menos, a memoria sobre os artistas.

Queira V. Ex.<sup>a</sup> dispôr francamente de quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Collega obscuro e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Ex.<sup>mo</sup> Senr. e meu presado amigo

Estimo que V. Ex.<sup>a</sup> tenha regressado á sua residencia com prospera viagem e excellente saude.

Recebi no domingo a edição do meu folheto, de que se tiraram 6 ex. em papel de linho. Remetto hoje 3, sendo um para V. Ex.<sup>a</sup>, outro para o Dr. Martins Sarmento e o 3.<sup>o</sup> para a Biblioteca da Sociedade. Peço o obsequio de me indicar se deseja mais algum em papel commum. Desejo enviar um ao Bellino, mas não sei se lho dirija para Guimarães, se para Braga. V. Ex.<sup>a</sup> obsequiava-me m.<sup>to</sup> dizendo-me a direcção m.<sup>s</sup> segura.

Já vi o ultimo fasciculo do *Portugaliae Monumenta*, mas ainda não recebi o meu exemplar. Já chegaria a Guim.<sup>es</sup> o ex. da Sociedade?

Foi pena que o brochador tivesse aparado os ex.<sup>s</sup> do meu folheto. Felizmente, que o seu barbaro cutello poupou os ex.<sup>s</sup> em papel de linho.

Queira V. Ex.<sup>a</sup> dispôr sempre e francamente de quem é

De V. Ex.<sup>a</sup>

Obscuro collega e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Lisboa, 9-2-97

Ex.<sup>mo</sup> Senr. e meu presado collega

R.<sup>ce</sup> um bilhete da Socied.<sup>e</sup> Martins Sarmiento agradecendo a remessa de 10 ex.<sup>s</sup> do meu opusculo. Porisso não mandei logo mais a V. Ex.<sup>a</sup> No entanto, carecendo de mais algum, tenha a bondade de mo requisitar.

Q.<sup>do</sup> cá esteve, esqueci-me de citar a V. Ex.<sup>a</sup> o Censo da população no seculo XVI: decerto aproveitaria alguma cousa com respeito a Guim.<sup>s</sup>. O livro, em que lhe fallei e que lhe pode interessar intitula-se *Indice de los documentos del Monasterio de Sahagun*, Madrid, 1874. E' publicação do *Archivo Historico Nacional*. O Ayres de Sá, caso estranho! — não tem ido estes dias á Torre. Quando o encontre, transmittir-lhe-hei os cumprim.<sup>tos</sup> de V. Ex.<sup>a</sup>.

De V. Ex.<sup>a</sup>

am.<sup>o</sup> e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

Lx.<sup>a</sup> 16-2-97

Bemfica, 20-VII-908.

Meu presado amigo e confrade

Os meus agradecimentos e felicitações pela valiosa offerta do 1.<sup>o</sup> fasciculo dos monumentos historicos de Guimarães, àcêrca do qual publiquei no *Diario de Noticias* de hoje uma ligeira apreciação. Muito folgarei que não lhe faltem as forças para proseguir gloriosamente na sua brilhante e meritoria tarefa.

O mais cordeal aperto de mão do seu

amigo e adm.<sup>or</sup> sincero

*Sousa Viterbo.*

## NOTAS

(23) *A Lição*, artigo a acompanhar uma gravura, in «Artes e Letras», 2.º ano, 1873, pág. 104.

(24) *Arte e artistas em Portugal. Contribuição para a história das artes e indústrias portuguesas.* — Lisboa, 1892. 2.ª ed. de 1920.

*Artistas e artífices de Guimarães.* — Notícia documental — Pôrto, Tip. António José da Silva Teixeira, 1897.

«Primitivamente publicada», como no opúsculo se declara, na *Revista de Guimarães*.

«Guimarães, apesar dos seus pergaminhos nobiliárquicos, aliou sempre as suas tradições de fidalguia com os deveres do trabalho. A primeira côrte da nação portuguesa sabe perfeitamente que *noblesse oblige*. Em todo o tempo as suas indústrias, como a da tecelagem, a da cutelaria, a da ourivesaria e a dos cortumes, tiveram fama, que se tem mantido honrosamente, como ainda se demonstrou na exposição realizada em 1834. Diversas circunstâncias contribuíram para tornar Guimarães um centro artístico e industrial, sendo por certo a primeira a índole trabalhadora dos seus habitantes, um dos quais mereceu o título de *Engenhoso*. Solar de várias famílias ilustres, entre as quais avultava a dos Duques de Bragança, que lá tinham o seu grandioso palácio, a vida aristocrática devia concorrer para animar as artes do luxo e do conforto. A Colegiada de Santa Maria, cujo tesouro ainda hoje é precioso, devia ser uma das oficinas de ourivesaria e passamanaria.»

Transcreve na íntegra três documentos, de Afonso V, concedendo a D. Fernando de Guimarães a licença para exploração de minas de metais, com isenção de direitos, nas Comarcas de Entre-Douro e Minho; para os contratadores de panos, que vinham de Castela comprar as sêdas, que se produziam nas suas terras, as poderem retalhar para com o produto da venda, comprarem essas sêdas; e o terceiro relativo ao desenvolvimento da indústria da sêda. Os artistas e artífices a que se refere, são:

Gonçalo Afonso, armeiro; João Afonso, armeiro; Afonso Anes, carpinteiro; Jerónimo Dias, ourives; João Dias, carpinteiro; Afonso Gonçalves, vainheiro; Francisco Gonçalves, ourives; João de Guimarães, cantor; João de Guimarães, pedreiro; João de Guimarães, ferreiro e fabricante de béstas de aço; Isaac Marcos, ourives; Gonçalo Lopes, mestre de obras; João Lopes: João Lopes de Amorim (veja nota ao Dic. dos Arq.); Pedro da Silva, relojoeiro; Pedro Vicente, armeiro.

*As candeias na indústria e nas tradições populares portuguesas.* — Pôrto, Imp. Portuguesa, 1899.

*Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portugueses, ou a serviço de Portugal.* — 3 vol., Lisboa, Imprensa Nacional, 1899, 1904 e 1922.

O vol. I (A-G) e o II (H-R) foram publicados por indicação da Comissão dos Monumentos; o III (S-Z), póstumo, pela Academia das Ciências de Lisboa.

*Henrique Lopes de Mendonça*, que foi notável dramaturgo, novelista histórico e académico, autor de vários quadros de nossos passados varões e feitos, que são preciosos retratos e magníficas aguarelas, em *Notas sobre alguns Engenheiros nas Ptaças de Africa* (para servir de aditamento àquele Dicionário), reproduz as palavras com que apresentou êste seu trabalho em sessão da Academia: «A obra de Sousa Viterbo, colossalmente extensa, realizada à custa dum paciente e fatigante trabalho de muitos anos, elaborada quási tôda sobre documentos cuja procura e coordenação oferecem dificuldades extremas, representa um tesouro inestimável de notícias históricas, de subsídios preciosíssimos para futuros trabalhos de síntese»...

Justas e merecidas palavras. Quando mais não houvesse — e é apenas uma parcela do seu imenso labor — a coordenação do Dicionário bastava a radicar-lhe o nome na obra sólida da nossa reconstrução histórica. Tem, por certo, deficiências e lacunas, mas é inquestionavelmente um forte e abundante manancial das mais importantes e curiosas notícias, tôdas probadamente documentadas. São de relêvo as notas sobre, entre os mais, os Arrudas, os Alvares, Bernardo (um dos mestres da Catedral de Coimbra), Bernini, Diogo de Castilho e João de Castilho, os Coutos, Bartolomeu da Costa, os Frias, Francisco de Holanda, Korodi, Ludovice, Nazoni, Pero Nunes, Marcos Pires, Garcia de Rezende, João de Ruão, Manini, Carlos Mardel, José Luís Monteiro, Ventura Terra, os Tinocos, os Tussianos, João da Várzea...

Ao referir-se a *Frederico Augusto Pimentel* saem-lhe do coração estas palavras: «Exaramos aqui êste nome não só como acto de justiça, mas também como affectuosa, posto que singela, homenagem pessoal. Frederico Augusto Pimentel fôra nosso explicador de matemática, quando freqüentámos o Liceu do Pôrto. Lembrámo-nos perfeitamente da sua modesta casa de residência, na Rua da Ferraria de Cima, próximo do Largo dos Olivais, lado direito de quem sobe. Pimentel cursava então a Academia Politécnica, e dos proventos dos seus trabalhos de leccionador tirava meios para concluir a sua educação científica. Vivia na companhia de sua mãe, por quem era estremitosíssimo. O seu amor de família afirmou-o depois, com a mesma intensidade, no affecto dedicado a sua espôsa. Com a sua inteligência elevada competia o seu coração afinado no mais puro dos sentimentos. Era uma alma ingénua, quási infantil...» Um retrato que fotografa o retratado e o retratista! Tal mestre, tal discípulo. (Vol. 2.º, pág. 265).

Na introdução a êste segundo vol., escreve *Viterbo*: «Construções importantes, já no estilo gótico, já no estilo românico, se efectuaram durante tôda a primeira dinastia, e lá está Alcobaça, bem perto da Batalha, a defrontar-se com ela. Contemporâneos desta última, três outros edificios religiosos poderiam servir de tema de comparação, revelando o estado da arquitectura em Portugal naquela época. São êles: o Convento de Santa Clara, no Pôrto; Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, e o Convento do Carmo, em Lisboa. Do primeiro talvez só existam da fundação primitiva

alguns restos do claustro. Nossa Senhora da Oliveira sofreu modernamente uma reforma vandálica, que a deturpou vergonhosamente. O Convento do Carmo ruiu com o terremoto, mas ainda se conserva a sua fachada e a sua ábside, sendo esta de incontestável beleza.»

#### *Dicionário dos Architectos:*

Encontrámos as seguintes referências a artistas de Guimarães ou que estiveram em serviço de Guimarães, entre outras, que muito possivelmente nos escaparam, ou de artistas, cuja naturalidade não está identificada:

— *João Dias* — nomeado por D. João II (14-Agosto-1484) seu carpinteiro em Guimarães, onde era morador.

— *Afonso Anes* — nomeado por D. João II (20-Dezembro-1490) seu carpinteiro nos seus Paços de Guimarães. Era também morador em Guimarães, como o antecedente, que era seu sogro e a quem substituiu.

— *Cesário Augusto Pinto de Araújo Cardoso de Mendonça* — descendente de uma família da antiga nobreza vimaranense. Faleceu em 1896. Engenheiro Civil, curso do Instituto Gaggiano, de Bruxelas, onde regeu cadeira, 1843-1845. Colaborou em vários projectos do caminho de ferro; autor do projecto do Estabelecimento Termal de Vizela e dirigiu as obras do Templo de S. Torcato.

— *Gonçalo Lopes* — mestre de obras, construtor de dois chafarizes em Guimarães, para onde vinha água «de uma serra meia légua dela por canos» (como se diz no Alvará de Filipe II, de 20-Outubro-1601, que aprovou o contrato com a Câmara).

— *João Lopes* — mestre de obras em Guimarães, genro de Gonçalo Lopes, a quem sucedeu no encargo dos chafarizes e canos da Vila. Construtor da ponte sobre o rio que passa junto da honra da Ovelha.

E *Viterbo* nota: «Por esta época aparece também em Guimarães um architecto, ora designado simplesmente João Lopes ora João Lopes de Amorim e cuja especialidade parecia ser a construção de pontes. ... Seria o genro do Gonçalo Lopes?» Depois refere-se, nestes termos, a

— *João Lopes de Amorim* — architecto, residente em Guimarães, por 1630. A sua especialidade parece ter sido a construção de pontes; pelo menos é o que se depreende dos documentos que encontrámos a seu respeito.

Depois, no mesmo vol. 2.º, em *addenda et corrigenda*, diz: «O nosso amigo *Rev.º Oliveira Guimarães*, digno e ilustrado *Abade de Tâgilde*, um dos nossos mais indefessos investigadores das antiguidades locais, conseguiu encontrar nos arquivos vimaranenses elementos comprovativos de que *João Lopes* e *João Lopes de Amorim* são uma e a mesma pessoa.» E transcreve, na íntegra, o valioso trabalho publicado pelo douto Abade, cuja memória eu sempre invoco na mais enternecida saúde e com sempre redobrada admiração nesta *Revista de Guimarães*, vol. XIX, n.º 3. João Lopes de Amorim era natural de Ponte do Lima. Casou, em 1603, na Igreja de S. Sebastião, com Mónica Barbosa, filha de Gonçalo Lopes, imaginário, que, vindo a falecer no fim de Agosto dêsse mesmo ano, deixou vago o cargo do consërto e conservação

dos canos da água da Serra de Santa Catarina, em que o genro foi provido, não logo, pois em 1605 a fábrica da água estava a cargo do mestre pedreiro *Pero Afonso de Amorim* (com quem foi ajustada a obra da capela-mor da igreja de Santa Clara — «Revista de Guimarães», X, pág. 12), mas em 1606. Por este *imaginário de pedraria* foi feita a Casa do Recolhimento ou da Aliândega (1609-1610), importantes reparos nos Paços do Concelho (1627-1628), o edifício do antigo Hospital da Misericórdia; onde se recolhiam os enfermos no princípio do século XVII, da planta para o retábulo da capela-mor da Igreja da Misericórdia, as obras da Casa do Despacho e mais oficinas da Misericórdia, cunhais, frontispício e arco do Hospital, o chafariz e a escadaria de pedra para a Secretaria e Casa do Despacho (1620-1640). E *Tágide* pergunta: «A capela de S. Pedro e S. Paulo nos claustros de S. Francisco, a reforma da Igreja de S. Francisco, a capela-mor de S. Dâmaso, a capela de Santa Cruz, foram construídas desde 1620 a 1641. Andaria em algumas a perícia do nosso João Lopes?»

— *Germano António Xavier de Magalhães* — deu o risco e dirigiu a reedificação da Igreja da Sé de Guimarães (Colegiada). E *Viterbo* acrescenta: «Raczynski julga-o severamente, mas com justiça, no tocante à reedificação da Igreja da Colegiada de Guimarães, dizendo que êle, por tal serviço, era digno não de uma pensão, mas de um severo castigo.»

\*

A propósito do Oratório de S.<sup>ta</sup> Vera Cruz, junto a Guimarães, escreve, no mesmo 2.<sup>o</sup> vol., *Sousa Viterbo*, no apenso documental: «Devia ser um recolhimento semelhante ao das beatas de Valença e de Leiria... Fôra fundação da Duquesa de Bragança, tia de D. Afonso V, e êste, a pedido dela, em carta de 22 de Maio de 1426 (que transcreve), ordenou às suas justiças e autoridades que não constringessem com nenhuns encargos, reais ou do concelho, as seis ou sete mulheres (pobres e a que ela dava tudo o que cumprira) recolhidas naquele oratório.»

\*

*Nicola Bigaglia* — autor do projecto para a construção do edificio da Associação Artística Vimaranesa.

Foi êle quem, com zeloso carinho, dirigiu a obra. Tenho em meu poder várias cartas que o talentoso artista, como justamente lhe chama *Sousa Viterbo*, dirigiu a meu Pai *Eduardo Manuel de Almeida* sôbre o andamento da edificação.

*Notas de archeologia artistica. Artes e industrias metallicas em Portugal.* — Lisboa, Imp. Nacional, 1901.

*Algumas achegas para a historia da tinturaria em Portugal.* — Lisboa, Tip. da Academia, 1902.

*Artes e industrias portuguezas. Tapeçaria.* — Coimbra, Imp. da Universidade, 1902. (Vide nota 8).

*Inventores Portuguezes.* — Primeira série. — Coimbra, Imp. da Universidade, 1902. Segunda série. — Id., 1914 (Obra póstuma).

**Artes e indústrias portuguesas. O vidro e o papel.** — Coimbra, Impr. da Universidade, 1903.

Separata dos vols. 49 e 50 do *Instituto*. Exemplar oferecido pelo autor ao «seu amigo e ilustrado Abade de Tágilde».

«Aristocrata e popular, satisfazendo ao mesmo tempo os requisitos do luxo e as mais triviais exigências domésticas, companheiro inseparável do rico e do pobre, taça cristalina nos lábios da realeza, copo singelo na bôca do operário, o vidro domina triunfante em tôdas as camadas sociais e em tôdas as circunstâncias da vida.» ... «E' muito natural que entre nós e em tôda a península hispânica, os romanos estabelecessem a arte de fabricar o vidro e que, depois dêles, se conservasse de algum modo, sobretudo, no dominio dos árabes, tão peritos em tôdas as artes e indústrias.» Parece-lhe que, no meado do século XV, já a indústria da vidraria se desenvolvera. D. João V estabeleceu a vítrea oficina de Coima. E acrescenta: «E' muito de crer que as vidraças pintadas adornassem já os nossos templos anteriores ao da Batalha, pois a vidraria de imagens era um dos mais indispensáveis adornos complementares da arquitectura gótica. Foi, todavia, no mosteiro de Santa Maria da Vitória que esta arte medieval teve maior incremento, criando-se ali uma escola, que durou mais de dois séculos e cujos produtos irradiariam sem dúvida para outros pontos do país. ... Os vidrais eram como grandes páginas iluminadas, arrancadas de gigantescos Livros de Horas e pregadas nas janelas lanceoladas das misteriosas Igrejas da Idade-Média.» Ficaram em estilhaços as vidraças da Batalha, pelo que se torna impossível fazer estudo perfeito. A' lista dos vidreiros que ali trabalharam, segundo a relação do *Cardeal Saraiya*, acrescenta outros nomes. Depois, apontamentos biográficos e documentos inéditos, colhidos pacientemente na Torre do Tombo, Chancelarias de D. Afonso V, D. João II e III e Filipe I, de alguns vidreiros comuns, entre 1439 e 1628, e sobre pintores de vidraças, Mestres Guilherme, Luís, João Rodrigues, Gonçalo Anes, João, António Taca (pai, filho e outro), A. Vieira, Manuel Teixeira, Manuel Carvalho e Francisco Henriques.

A segunda parte é relativa ao uso do papel, que entre nós remonta ao século XIII, e ao seu fabrico, de que a mais antiga referência documental pertence ao reinado de D. Afonso V. Recebe incremento no século XVI, se bem que, já no anterior, existiam moínhos de papel em Leiria ou na Batalha. Refere-se ao opúsculo do *dr. Pereira Caldas — Vindicação da prioridade do fabrico de papel com massa de madeira, como descoberta portugueza* — Braga, 1867 — lamentando haver de discordar da ideia, pelas fundamentadas razões que apresenta, sem deixar de prestar louvor à iniciativa da fábrica da Cascalheira, tolhida pelas invasões napoleónicas e guerras civis.

**Artes e indústrias metálicas em Portugal. Minas e mineiros.** — Coimbra, Imp. da Universidade, 1904.

E' separata dos vols. 50 e 51 do *Instituto*.

O estudo compreende — Minas de ouro: «A pesquisa do ouro, tanto em rios como nas areias dos rios, sobretudo nas do Tejo e Mondego, chegou a ter bastante importância entre nós, mas

hoje acha-se completamente abandonada. . . . Os descobrimentos marítimos, desviando a nossa actividade do solo pátrio, fizeram com que ligássemos mais atenção às riquezas minerais das colónias do que às nossas próprias.» Refere-se à mina de Adiga, na margem esquerda do Tejo, próximo da foz, e não longe de Almada, e a vários adiceiros, ou mestres de tirar o ouro. Minas de ferro, e várias minas, como as de Moncorvo, Portalegre e do Avelar, e ferrarias. Minas de pedra hume. Minas de carvão. Minas de chumbo e alcofôr, de cobre e de azougue, estanho.

*Artes e industrias metallicas em Portugal. Ourives espadeiros. Ourives de gínetta. Freeiros.* — Lisboa, Tipografia Universal, 1904.

E' separata da *Revista Militar*, ano LV, 1903, onde vinha subordinado ao titulo — «Archeologia artistico-militar».

São de ler as primeiras palavras da introdução: «Os inventários, já pertencentes à casa real ou a casas principescas e fidalgas, já pertencentes às corporações religiosas ou de outra qualquer natureza, já finalmente a individuos abastados, são dos mais preciosos subsídios que se conhecem para a história das artes e das indústrias, para a história económica e social e até para a história literária. Ali ficam reflectidos, com traços mais ou menos indeléveis, os costumes, as tendências, o gosto, a corrente artistica da época. Pelo recheio da casa se reconhece a opulência da familia. O mobiliário vos indicará a riqueza do trato, o enfeite das salas, destinadas às recepções alegres, às festas levianas, aos concertos deliciosos, aos serões dramáticos, onde explodia a musa de Gil Vicente, ora truanesca, ora sentimental. O provimento do guarda-roupa será o índice mais copioso da história do luxo, a página mais pitoresca das evoluções da moda. Sobre os chamalotes, sobre os tafetás, sobre os veludos, vereis luzir o resicler dos colares esmaltados pelos mais hábeis artifices. Percorrendo a lista dos rases e dos panos pintados, como que vos julgareis passeando nas galerias monumentais, donde elas ainda pendem na sua imobildade secular. Os inventários são uma espécie de sepulcro donde o passado se levanta, num ressurgimento poético, ao mais leve toque da nossa erudição e da nossa fantasia.»

Apresenta e documenta a existência de artistas ourives, espadeiros e de gínetta, e de alguns freeiros, dos anos de 400 e de 500.

*Artes e industrias portuguezas. Industrias textis e congeneres.* — Coimbra, Imp. da Univ., 1904. (Vide nota 7).

*A Armaria em Portugal — Noticia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal* — Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa — Lisboa por ordem e na Tip. da Academia, 1907.

Veio, também, em «Historia e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa» — Nova Serie — 2.<sup>a</sup> Classe — Sciencias moraes e politicas, e Belas Letras — Tómo XI, Parte II (vol. LX da Coleção), Lisboa, Tip. da Academia, 1907.

... «Sendo a guerra, diz *Viterbo* na Introdução, infelizmente, quasi um estado habitual das sociedades, é bem de ver que as artes e indústrias correlativas, dela dependentes, não deixariam de seguir o seu curso, pôsto que se conservassem estacionárias por mais de uma vez. A armaria floresceu em tôda a idade média, abrilhantando igualmente os primeiros períodos do Renascimento. No século XVI o lavrante de couraças e coberturas de cavalos, o laminador e burilador de espadas, eram por vêzes artistas geniais como *Benevenuto Cellini*. ... O nosso país, por mais avêso que fôsse ao sentimento artístico, por mais que desprezasse o cultivo e indústrias das artes metálicas, não podia ser-lhes absolutamente indiferente. A tradição romana não se extinguiria por completo e a influência mourisca não seria semente improdutivo em terreno ingrato. Com efeito permanece no nosso vocabulário a palavra *alfageme*, que bem nos denota que chegaria até nós, por intermédio dos muçulmanos, a corrente artística de Damasco. No *Flos Sanctorum* do nosso patriotismo uma lenda adorável cristalizada nas páginas arcaicas da *Chronica do Condestavel*, dramatizada na prosa encantadora de *Garrett*, simboliza perfeitamente o instinto do nosso povo e a sua aptidão nesta especialidade. O *Alfageme de Santarém* é uma figura típica em que refulgem simultâneamente o clarão da história e o clarão da poesia. ... Além dos mouros, os judeus também eram peritos nas artes metálicas e no fabrico das armas em particular, e por isso até se promulgou uma excepção em seu favor...»

Há referência, nesta obra, aos seguintes armeiros vimaranenses, ou de Guimarães e seu termo:

— *João Afonso* (2.º), morador em Vila Boa, termo de Guimarães, com carta de privilégio de D. João III do ofício de armeiro;

— *Afonso Gonçalves*, bainheiro — doc.: a carta de aposentadoria de D. Afonso V;

— *João de Guimarães* — «é o lendário armeiro a que se refere a "Chronica do Condestavel", e que o *Visconde de Almeida Garrett* tomou como principal protagonista do seu drama *Alfageme de Santarém*». E, noutro lugar, acrescenta: «O seu apelido designa talvez a pátria. Era ferreiro e fabricante de bestas de aço. Criado do Infante D. Pedro, veio morar para Santarém, pelo qual motivo o mesmo Infante, Regente na menoridade de seu sobrinho, lhe passou carta de privilégio a 10 de Junho de 1442». Segue a carta, doc. inédito.

— *Pero Vicente* — que havendo sido armeiro do Duque de Bragança, justicado em Evora, D. João II, por carta de 1483, tomou por seu armeiro em Guimarães;

— *José de Azevedo Moreira* — espingardeiro em Guimarães, com privilégio de armeiro por carta de D. João V, de 1735;

— *Avelino António Calado* — que nasceu em 1859, e, segundo refere o *dr. Pereira Caldas* («Notícia histórica sôbre a espingardaria vizelense»), tinha oficina de serralheiro e espingardeiro, em 1885;

— *Joaquim António Calado* — com oficina de espingardaria no lugar da Azenha, S. João das Caldas, pai do anterior (notícia do *dr. Pereira Caldas*, *ibidem*);

— *Plácido Pereira de Carvalho* — mestre-espingardeiro, com loja do seu ofício, carta de privilégio de D. Maria, em 1778.

Segunda série: *Notícia documentada dos fabricantes de armas de arremesso e de fogo, béstetros, viroteiros, arcabuzeiros, espingardeiros, etc., que exerceram a sua industria no nosso paiz.* — Lisboa, Tip. da Academia, 1908.

*Artes e industrias metallicas em Portugal. Serralheiros e ferreiros.* — Coimbra, Imp. da Universidade, 1908.

*Artes industriaes e industrias portuguezas. A industria saccharina.* I e II séries. — Coimbra, Imp. da Universidade, 1909 e 1910.

Estudo primitivamente publicado no *Instituto*, vol. 55. Exemplar oferecido «ao seu prezado amigo e çonfrade Abade de Tagilde.»

Mostra, por uma carta de privilégio de 1442, que, já no tempo de D. João I, se tratava do plantio e cultura da cana do açúcar no Algarve, que o Infante D. Henrique, como administrador da Ilha da Madeira, para esta levou e ali iniciou e fomentou, porventura, como diz *Gaspar Fructuoso* («Saudades da Terra») com a ajuda de técnicos scilicianos e da Madeira o plantio da cana e fabrico do açúcar passa a S. Tomé e é levado para o Brasil, onde constitue ainda hoje uma de suas principais riquezas produtivas. Estuda e documenta o desenvolvimento da indústria sacarina, principalmente nos séculos XV e XVI e a resenha biográfica de diversos indivíduos, que se dedicaram à cultura e preparo do açúcar ou ao seu comércio e fiscalização, cada uma baseada em documentos inéditos comprovativos.

*Artes e industrias portuguezas — Ourivesaria, quinquilharia e bijularia.* (Obra póstuma). — Coimbra, Imp. da Universidade, 1914.

Ignora-se a naturalidade de muitos dos artistas, cujo nome vem citado nesta obra. Com ela averiguada, *Sousa Viterbo* refere-se aos seguintes vimaranenses ou que viveram em Guimarães:

*Francisco Gonçalves* — Carta de mercê de 27 de Junho de 1536 para recebedor e requeredor das sisas;

*Isac Marcos* — Carta de D. Afonso V para poder andar em besta muar de sela e freio.

A certa altura escreve: «Existia em Guimarães um ourives judeu, cujo nome se ignora, e Afonso Rodrigues, escudeiro de Rui da Cunha, procurador da mesma Vila, lhe mandou fazer certa obra de prata. Tendo-se, porém, aquele recusado a isso, ameaçou-o e, intervindo o juiz, foi degradado para Ceuta, mas perdoado por carta de 8 de Dezembro de 1442.»

*Artes e industrias metallicas em Portugal. Moedeiros.* — Lisboa, «Archeologo Português», 1914.

*Artes e industrias metallicas em Portugal. Relojoaria. Sinos e Sineiros.* (Obra póstuma). — Coimbra, Imp. da Universidade, 1915.

*Pedro da Silva* — «Relojoeiro. Os oficiais da Câmara de Guimarães representaram que por falta de um relojoeiro estava o mais do tempo o relógio da Vila destemperado, sendo isto um grande inconveniente, mas contrataram com o relojoeiro Pedro da Silva que lhe temperasse e consertasse o relógio e além disso aferisse os pesos e medidas da Vila. Aceitou êle o encargo, dando-se-lhe 5.800 reis por ano, o que foi aprovado por Alvará de 9 de Novembro de 1612.»

*Caligrafos e iluminadores portugueses. Ensaio historico-bibliografico.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1916.

O estudo abre com estas singelas falas de nobre e muito justa evocação: «O laboriosissimo D. Fr. Franscisco de S. Luiz, na sua *Lista de alguns artistas portuguezes*, não se esqueceu de dedicar um capitulo especial aos peritos na arte de escrever e do desenho à pena. E' todavia limitado o número dos artistas que cita e quasi todos eles são modernos. Sem querer de modo nenhum amesquinhar o trabalho do *ilustre beneditino, que por tantos ramos da litteratura espathou o seu claro talento e a sua conscienciosa erudição* (o sublinhado é nosso), podemos afirmar que o terreno ficou por explorar.....» E, mais adiante, nota: «No testamento de D. Mumadona (959), fundadora do convento de Guimarães, mais tarde convertido na célebre Colegiada, vem uma larga enumeração dos livros, que ela, entre muitos outros bens móveis e imóveis, legou ao seu mosteiro. Não menos de 20 códices, *ninginti libros ecclesiasticos*, que formam uma biblioteca bastante notável para a época.» Salienta a obra dos monges do Mosteiro de Alcobaça, muitos dos quais se não conhece a terra natal, embora pátria, da Ordem de S. Bernardo, fundação de D. Afonso Henriques, na feitura e colleccionamento de códices.

*Artifices portuguezes ou domiciliados em Portugal.* — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.

*Documentos sobre varias industrias portuguezas.* — Coimbra, Imp. da Universidade, 1918.

O trabalho abrange as seguintes espécies — Bordadores, official de arquelhas, esparavelheiro, official de resposteiros, cerieiros, cozinheiros, licoristas, pasteleiros, quãdamecileiros, peliteiros e seleiros, douradores, ensambladores, entalhadores e escultores, marceneiros, torneiros, esparteiros, espelheiros, ferradores, lapidários, latoeiros e picheleiros; Indústria de seda; passamentos e sirgueiros; serralheiros e ferreiros; tosadores; Indústrias do vestuário: alfaiates e jubiteiros, barreteiro, burzigueiro, calciteiros (feitores de calças), luveiros, sapateiros, sombreireiros, etc.

A propósito dos Bordadores, diz: «A Igreja é quem dava antigamente muito que fazer aos bordadores. Ainda hoje existem vestigios preciosos das alfaias das catedrais e dos conventos. As freiras de Lervão usavam nas grandes solenidades de paramentos riquíssimos. Muitos deles, além de serem recamados de ouro e seda, eram adornados de pedras preciosas. Os ricos trajos da nobreza, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, contribui-

ram para o grande desenvolvimento da arte. Nos torneios, nos jogos de canas, nas carreiras de cavalos, nas corridas de touros, nas grandiosas festividades da cõrte, os cavaleiros apresentavam-se com as suas divisas vistosamente bordadas, trabalho primoroso de quem lhes prendia o coração e os incitava para a lide. E' no século XVI em Portugal que nós vemos a arte de bordar erguer-se ao maior ponto de expansão. Até na literatura dramática se descobre o brilhante reflexo dessa indústria. Na *Comédia de Rubena*, de Gil Vicente, há uma cena tãda ela dedicada às lavrandeiras, uma das quais se occupava em fazer um penteador para o Bispo do Funchal, outra um cabeção para o Duque de Penela, e outras diversos bordados para o nosso Embaixador junto de Carlos V. Na *Prática dos Compadres*, do Chiado, também há uma cena de natureza idêntica. Ali se indica a nomenclatura de diversos pontos então usados, como ponto chão, pesponto, cadenetas, torcido, de cordão, ponto cruzado, lumilho, ponto real.»

*A Ceramica lisbonense nos principios do seculo XVII.* — Lisboa, Tip. do Comercio, 1922.

*O movimento tipografico em Portugal no seculo XVI. Apon-tamentos para a sua historia.* — Coimbra, Imp. da Universidade, 1924.

Publicado primitivamente no *Instituto*, vols. 67, 68, 69, 70 e 71.

«Apresentando, diz o autor nas palavras prefaciaes, o quadro do movimento tipográfico português no século XVI, teremos traçado ao mesmo tempo o mapa do nosso movimento intellectual. E' nos trabalhos literários que se reflectem efectivamente as pulsações cerebrais de uma nacionalidade qualquer. O nosso plano é apresentar a estatística da actividade scientifica e literária da nossa raça durante o período da sua mais activa florescência histórica. Ao examinar êste mapa, ou esta série de mapas, o crítico intelligente e imparcial poderá abranger num volver de olhos os elementos da nossa capacidade civilizadora. Não nos limitaremos, portanto, a apresentar a lista dos livros saídos dos prelos portugueses. Isso demonstraria apenas o desenvolvimento da tipografia entre nós... O espirito português não se limitou à estreiteza da pátria; expandiu-se e patenteou-se singularmente em outras nações. São notáveis, em quantidade e em valor intrínseco, as obras de compatriotas nossos, que saíram a lume na Espanha, na Itália, na França e na Alemanha. Grande número de portugueses occuparam brilhantemente cátedras nas universidades estrangeiras. Os Gouveias chegaram a formar uma dinastia profissional nos colégios de Santa Bárbara, de Paris, e de Guienes, em Bordeus. Mas isto ainda não é tudo. Quantas obras compostas no século XVI, que se conservam manuscritas e que se acham disseminadas, não só pelas nossas bibliotecas e arquivos, mas pelos depósitos literários do estrangeiro? Tudo isto deve formar um conjunto admirável, revelador de uma grande pujança intellectual.»

Adiante, nota: «Segundo as averiguações do Sr. *Tito de Noronha*, as edições saídas dos prelos portugueses durante o séc. XVI subiram a 900. Nós supomos este número inferior à realidade,

e avaliamos que se poderá elevar a 1.200, sem extraordinário exagêro.»

No valioso trabalho — Estudos sôbre a *Cultura Portuguesa do Século XVI* — vol. I, recentemente publicado por justa e acertada iniciativa da Universidade de Coimbra — *Acta Universitatis Conimbrigensis* —, o eminente e douto Professor Doutor *Joaquim de Carvalho*, que muito honra esta Sociedade com a sua carinhosa e generosa simpatia — apraz-nos o ensejo de lhe rendermos pública homenagem do nosso íntimo reconhecimento e assegurarmos a firmeza convicta da mais alta consideração —, escreve: «O inventário da produção científica, desde os escritos à criação ou modificação de técnicas, desde a formação de bibliotecas especializadas às edificações acomodadas ao ensino ou à investigação, é de alcance óbvio, e não apenas óbvio senão também urgentemente necessário para o balanço científico da nossa Universidade. Pode dizer-se que conhecemos a bibliografia universitária impressa durante o século XVI, mas é-nos desconhecida a maior parte da produção manuscrita desta centúria, assim como o recheio das livrarias pessoais e públicas e, salvo pelo que respeita ao hospital, os planos e realizações dos edifícios universitários. Quantos esforços beneméritos não jazerão ignorados, quantas injustiças não teremos cometido deixando no esquecimento dos arquivos tantas dedicações à causa do ensino nacional e do progresso científico!» E precisa, depois: «A nossa produção bibliográfica quinhentista, considerada quantitativamente, é apreciável. *Tito de Noronha*, em 1874, calculou-a em 900 livros, e *Sousa Viterbo*, mais tarde, julgava poder elevá-la a 1.200; hoje, após as novas investigações, das quais se destacam as do Rei D. Manuel II, e, sobretudo, se levamos em conta os livros de autoria portuguesa impressos no estrangeiro, podemos aditar à contagem de *Sousa Viterbo* algumas dezenas. Esta produção encontra-se diversamente distribuída por diferentes cidades; assim, segundo o inventário de *Sousa Viterbo*, Lisboa figura à cabeça com 503 livros, seguindo-se-lhe Coimbra com 283, Evora com 42 e depois outras povoações com números escassos.» (Estas são Braga com 22, Vizeu com 4). — (*A actividade científica da Universidade de Coimbra na Renascença*, pág. 76 e 81 e seg.).

Há a notar e louvar a publicação do trabalho documental de *Franz-Paul Langhans* — «As corporações dos Offícios Mecânicos — Subsídios para a sua história» —, com um estudo do *Prof. doutor Marcelo Caetano*, Imprensa Nacional de Lisboa, 1946, em 2 vol., a que deve seguir-se — «A Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa» —, onde se compilam os *Regimentos* daqueles officios e assim se reconstitue «a vida do povo laborioso da capital».

(25) «Artistas e artífices de Guimarães». — Notícia documental. — Pôrto, Tip. A. J. da Silva Teixeira, 1894.

(26) «Algumas achegas para a história da Tinturaria em Portugal». — Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa.

«A tinturaria, escreve, dependendo hoje em grande parte da ciência, podendo considerar-se filha predilecta da química, é uma

indústria que também tem muito de artística, pois a ela se devem os belos matizes das sedas de Lion e o colorido animado das tapeçarias dos Gobelins.»

Estuda: I — A Grã — Carta de D. Afonso V — 4, Fevereiro, 1444, confirmando a D. Duarte de 19, Janeiro, 1435; II — O Pastel — Carta de privilégio de D. Afonso V de 28, Agosto, 1445, e as de D. João II de 26 e 27, Julho, 1490; III — O Anil — os documentos relativos à ida a Inglaterra e à Flandres, em 1577 e 78, ensinar aos tintureiros as propriedades do anil e mais duas peças inéditas da Colecção S. Vicente.

O exemplar da Sociedade é oferta do autor «Ao seu illustrado amigo Rev.º Oliveira Guimarães».

(27) «A Suissa. Breves apontamentos de archeologia militar». — Lisboa, Tip. Universal, 1887.

«Armarias e arsenais portuguezes no seculo XVI». — Lisboa, Tip. Universal, 1887.

«Trabalhos nauticos dos portuguezes nos seculos XVI e XVII». — Lisboa, Imp. Nacional, 1890.

Segunda Série: Coimbra, Imp. da Universidade, 1894.

A primeira série saiu no *Boletim da Sociedade de Geografia*. Está na Sociedade o exemplar oferecido por Viterbo, em homenagem, ao dr. Martins Sarmento.

A segunda no *Instituto* de Coimbra.

«A celebração do centenário (do Infante D. Henrique, no Porto) é uma festa própria para impressionar a fantasia popular, e por isso revestida de toda a pompa da exterioridade. ... mas desejamos que a festa deixasse de si um rasto mais luminoso que o das iluminações públicas, um eco mais prolongado que o dos concertos e hinos da ocasião. E' nosso humilde parecer que a melhor maneira de laurear a estátua do Infante D. Henrique, que o melhor monumento que se poderia erigir em sua honra seria o início de uma colecção de viagens, em que se reunisse tudo o que os portuguezes produziram neste género, e que se acha publicado ou inédito».

... «E para que se não diga que é mais fácil pregar a cruzada do que alistar-se nela, ser Pedro o Eremita de preferência a Godofredo de Boillon...»

(Segunda Série): I — A exploração do mar Roxo; II — Cosmógrafos. Cartografia e instrumentos náuticos. 24 apontamentos biográficos de autores de cartas de marcar, fabrico de instrumentos náuticos, astrolábicos e agulhas, relógios, pilotos, etc.

«Architectos e engenheiros militares portuguezes, ou a serviço de Portugal». — Lisboa, Minerva Comercial, 1893.

«O Fabrico da Polvora em Portugal. Notas e documentos para a sua historia». — Lisboa, Tip. Universal, 1896.

«A Esgrima em Portugal. Subsídios para a sua historia, seguidos de dois tratados, um inédito de Diogo Gomes de Figueiredo, e outro reeditado de Thomaz Luiz». — Lisboa, Tip. Universal, 1897.

«Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos seculos XVI e XVII». — Parte I — *Marinharia*. — Lisboa, Tip. da Academia Real das Sciencias, 1898. — Parte II — *Constructores navais*. — lb., 1900.

«Architectos das praças d'Africa. Lourenço Sequeiros». — Lisboa, Tip. Universal, 1901.

«Fundidores de artilharia». — Lisboa, Tip. Universal, 1901.

(<sup>2a</sup>) (Vide notas 11 e 18).

«A Exposição d'Arte ornamental. Notas ao Catalogo». — Lisboa, Tip. Lisbonense, 1876.

«As grades de Santa Cruz de Coimbra». — Lisboa, «Revista Archeologica», 1888.

«A Capela de S. João Baptista erecta na egreja de S. Roque, fundação da Companhia de Jesus, e hoje pertencente á Santa Casa da Misericordia. Noticia historica e descriptiva». — Lisboa, Tip. da Santa Casa da Misericordia, 1900.

(Vide nota 24 — «Dic. dos Architectos», e 27 — «Arq. e Eng. militares portuguezes, Arq. das Praças d'Africa», etc.).

«Noticia de alguns esculptores portuguezes ou que exerceram a sua arte em Portugal». — Lisboa, Tip. Lallemand, 1900.

«Noticia de alguns pintores portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal». — Primeira e Segunda Série. — Lisboa, Tip. da Academia, 1903 e 1906). Terceira Série (póstuma). — Coimbra, Imp. da Universidade, 1911.

«Cruzeiros de Portugal». Contribuição para o seu catalogo descriptivo. — 1.<sup>a</sup> Série: Tip. Lallemand, 1906; 2.<sup>a</sup> Série: *Ibid.*, 1907; 3.<sup>a</sup> Série: *Ib.*, 1910.

Primeiro publicadas estas «Contribuições para o seu catalogo descriptivo» no «Boletim da Associação dos Architectos civis e Archeólogos Portuguezes». Consulto o exemplar da Sociedade, oferecido pelo autor, como «lembração affectuosa» ao Reverendo *Abade de Tágilde*.

Refere-se aos seguintes:

*Cruzeiro de Nossa Senhora da Guia em Guimarães* — «assim denominado hoje, intitulado-se outrora, ao que parece, de Nossa Senhora da Piedade, por ser este o assunto que representa». Transcreve o que sobre êle haviam escrito o *Padre Ferreira Caldas* («Apontamentos para a Historia de Guimarães», vol. 2.<sup>o</sup>, pág. 209), *Albano Belino* (na «Archeologia Christã») e *Oliveira Guimarães* («Guimarães e Santa Maria», pág. 126).

*Cruzeiro de S. Sebastião, em Guimarães*, que estava encostado à torre da Igreja Paroquial de S. Sebastião, para onde fôra removido do adro, em frente à porta principal, e, com a demolição da igreja, em 1893, entrou para o Museu da Sociedade Martins Sarmento.

*Cruzeiro da Rua de D. João I*, com dois desenhos, em esboço, de *Abel Cardoso*.

*Cruzeiro de S. Francisco*, com desenho de *Abel Cardoso*.  
*Cruzeiro de Nossa Senhora da Oliveira*.

«Um artista desconhecido». — Lisboa, Tip. Lallemand, 1907.

«Um desenho de Vieira Lusitano». — Lisboa, Tip. Lallemand, 1907.

«Os Paços Reaes de Alcanhões». — Lisboa, Tip. Lallemand, 1907.

«A classificação dos monumentos nacionais». — Lisboa, 1908.

«Paços Reaes. Paços de Valada». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra, 1908.

«Carlos Mardel. Novos apontamentos para a sua biografia». — Lisboa, Tip. do Comercio, 1909.

«A Gravura em Portugal. Breves apontamentos para a sua historia». — Lisboa, Tip. da Casa da Moeda, 1909.

«Anotações artisticas e archeologicas». — Lisboa, Tip. do Comercio, 1912.

(29) «Saudação a Eduardo Coelho». — Lisboa, Tip. Universal, 1889.

«Um costume dos habitantes do Pegu». — Lisboa, Sociedade de Geografia, 1893.

«Preparação para a morte». (Tradução). — Lisboa, 1893.

«A Trilogia dos grandes inventores: Guttemberg — Volta — Edison». — Lisboa, Imp. Nacional, 1894.

«Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro. Apontamentos para a biografia do chronista de D. Manuel». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1895.

Segunda Série: «Estudos sobre Damião de Goes». — *Ib.*, 1900.

«Os Portuguezes e o gentio». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1896.

«O Pedro Sem». — Lisboa, Tip. e Sterotipia Moderna, 1897.

«A Livraria real especialmente no reinado de D. Manuel». — Lisboa, Tip. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1901.

«Subsidios para a formação do refraneiro ou adagiário português». — Porto, Imp. Moderna, 1901.

«Apontamentos numismáticos». — Lisboa, Imp. Nacional, 1902.

«Isabel Carreira a mãe de Fr. Bartholomeu Ferreira. A mulher de Sigy de Velasco». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«Mensageiros reais». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«A pesca do coral no seculo XV». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«Um punhado de valentes». — Lisboa, Tip. Universal, 1903.

«A Jardinagem em Portugal». — Coimbra, Imp. da Universidade. 2 séries: 1906, 1909.

«Notícia de alguns arabistas e interpretes de linguas africanas e orientaes». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1906.

E' separata do volume 52 do *Istituto*. Dedicase a apresentar os raros vestígios da vida dos muçulmanos em nosso território e sua possível influência, pois, não obstante aquartelados em suas comunas ou mourarias, onde por certo havia escolas, não deixavam de ter contacto frequente com as outras classes sociais, como aconteceu com os judeus. A cruz processional, em estilo bizantino, do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, feita em virtude de um legado de D. Sancho I, o cofre de marfim, cilíndrico, fitas entrelaçadas, arcos em forma de ferradura, figuras humanas, aves e outros animais, do tesouro da Sé de Braga, e outras alfaias semelhantes, seriam executadas por artífices mouriscos. Refere-se ao largo sulco que a lingua árábica deixou em nosso vocabulário. No século XVIII estabeleceram-se estudos regulares dessa lingua e cita nossos principais arabistas. Depois, é a nota, sempre documentada, de alguns arabistas e intérpretes de linguas africanas e orientais, como o célebre *Tomé Barbosa*, alvo de um gracejoso soneto de *Bocage*, que sabia as linguas grega, latina, francesa, italiana, espanhola, inglesa, dinamarquesa, sueca, alemã, holandesa, turca, árabe e russa, e de vários, que serviam o *oficio de linguas*.

«Breve noticia sobre a cultura da canela na ilha de S. Thomé». — Lisboa, 1908.

«Fr. João das Chagas ou Frey Juan de las Llagas». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1908.

«O Doutor Gaspar de Mere». — Lisboa, Tip. da Academia, 1910.

«Simão da Cunha, ou Simão da Cunha e Ribera». — Lisboa, Tip. da Academia, 1910.

«Amas, amos e collaços de pessoas reaes e personagens illustres». (Obra póstuma). — Porto, Tip. da Empresa literária e Tipográfica, 1914.

De outros pequenos, e nem por isso menos desvaliosos trabalhos, não tirou separata especial. Como do artigo — «O monopólio

da cortiça no século XII» (in «Archivo Historico Portuguez», vol. 2.º, pág. 41), segundo o contrato celebrado com Martin Leme e que devia vigorar de 1 de Julho de 1456 a 1 de Julho de 1466.

(<sup>30</sup>) (Vide nota 6).

«O Convento de Lorvão. O abbadessado de D. Filippa d'Eça. Narrativa historica». — Lisboa, Imp. Diario de Noticias, 1887.

«O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Anotações e documentos». — Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890.

«A civilização portuguesa e a civilização hespanhola. Sua influencia mutua. Preliminares de um livro». — Porto, Tip. José da Silva Mendonça, 1892.

«O orientalismo em Portugal no seculo XVI». — Lisboa, Sociedade de Geografia, 1893.

«O Prior do Crato e a invasão hespanhola em 1580». — Lisboa, Tip. Universal, 1897.

«Fastos religiosos (festas e procissões)». — Porto, Tip. A. J. Vasconcelos, 1898.

Referindo-se à *Procissão de S. Gualter*, escreve: «E' o santo padroeiro de Guimarães, santo da sua especial devoção, e uma das glórias da ordem franciscana. Os frades vimaranenses souberam explorar os milagres do taumaturgo, havendo no mosteiro uma fonte do seu nome, onde os crentes se lavavam como numa piscina celeste. A devoção, porém, parece que tinha afrouxado muito, a ponto de já se não realizar a tradicional procissão comemorativa. Os religiosos e mordomos da confraria invocaram então o auxilio da côrte — a côrte de Lisboa e não a celestial — e obtiveram de D. Filipe II que este ordenasse aos officiais da câmara que a dita procissão se renovasse todos os anos no dia da própria festividade». Transcreve o Alvará, datado de 22 de Janeiro de 1622. A fonte, a que *Viterbo* se refere, não se encontra, nem encontrava no mosteiro, o que, aliás, se vê do próprio documento por êle copiado e publicado, em que se lê: «e se lavam em uma fonte chamada de seu nome, onde o santo fez sua habitação antes que se fizesse o dito mosteiro». E' a ainda chamada *Fonte Santa*, de especial devoção na manhã de S. João.

«Viagens da India a Portugal e vice-versa. Resenha historica e documental». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1898.

«A Batalha de Toro. Alguns dados e documentos para a sua monographia historica». — Lisboa, Imp. Universal, 1900.

«O Infante D. Pedro, o das sete partidas». — Lisboa, Tip. Universal, 1902.

«Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do descobrimento do Brasil. Noticia historica e documental». — Lisboa, Tip. Universal, 1902.

«A Avó materna de Afonso de Albuquerque. (Os penhoristas do seculo XV)». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«Uma expedição portugueza ás Canarias em 1440». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«A cultura intelectual de D. Afonso V». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

E termina: «D. Afonso V, se não foi um espírito altamente superior, foi dotado de um entendimento e de uma illustração pouco vulgares». *Viterbo* acentuara que «não renegou as tradições da família, antes demonstrou que pertencia a uma geração de homens illustres, em que o saber não occupava lugar inferior ao das armas. Ele tinha a paixão dos livros, estimava as ciências e as artes e comprazia-se no convívio e correspondência dos eruditos do seu tempo, a quem incitava nos seus trabalhos, galardoando-os merecidamente. Um dos mais eloquentes testemunhos do apreço em que êle tinha o comércio das letras é a carta que dirigiu a Gomes Eanes de Azurara, por quem parece ter tido singular estima».

... «A morte do Regente pesará sempre sobre a memória de D. Afonso V, pôsto que lhe não caiba em absoluto a culpa, devendo a responsabilidade do deplorável successo repartir-se por mais de uma cabeça. ... Para salvar D. Afonso V, sacrificou-se heroicamente D. Duarte de Menezes. Este episódio, digno de ser perpetuado numa *Iliada*, se exprime a mais sublime dedicação de um vassallo revela ao mesmo tempo a estima e o affecto que o vencedor de Arzila grangeara entre os seus companheiros de armas.» ...

«As dadas de Afonso de Albuquerque». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

«A inscripção da synagoga de Monchique — Additamento ás Ocorrencias da vida judaica». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

«O monopolio da cortiça no seculo XV». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

«Ocorrencias da vida judaica». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

Abre com estas palavras da mais palpitante actualidade: «Todos os povos soffrem as conseqüências dos seus defeitos; só o povo judaico tem sido vítima simultâneamente dos seus erros e das suas virtudes. Inteligente, trabalhador, económico, profundamente religioso, tendo proclamado a religião sublime, donde deriva em linha recta o cristianismo, tôdas estas qualidades, longe de lhe assegurarem um lugar proeminente no convívio da civilização, têm, pelo contrário, contribuído para a sua desgraça e ruína. ...»

«Relações de Portugal com alguns potentados africanos e asiáticos». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1904.

... «A nossa actividade marítima foi tão extensa e tão intensa, dilatou-se por tão desvairadas partes e por tão longo espaço de

tempo, que seria impossível concentrá-la num só quadro, resumí-la num só aspecto, estudá-la sob um único ponto de vista. Uma só projecção, por mais luminosa que seja, não basta; torna-se indispensável uma série quasi indefinida de projecções. Os episódios avultam de tal modo, que cada um deles fornece matéria para uma epopeia especial. Quantas monografias interessantísimas se não poderiam formular sobre o nosso modo de proceder para com os povos, de que pela primeira vez nos abeiravamos e que pela primeira vez se viam em face de uma civilização tão diferente da sua! ...

No cap. V — *Príncipes do Japão* —, a propósito da vinda a Lisboa, em 1586, de quatro príncipes japoneses, levados depois a Roma pelos jesuítas, há esta nota: «Não faltou até quem negasse a autenticidade dos príncipes, dizendo que eles andariam esmolando, se não se filiassem na corporação de Loiola. Diversos opúsculos se publicaram naquela época, em que se tratava do assunto, mas o mais importante de todos elles foi o que se imprimiu em Macau em 1590, sob o seguinte título: «De missione Legatorum Japonensium ad Romanam curiam», etc. Escreveu-o em forma de diálogo, um patriota nosso, o jesuíta *Duarte de Sande*, natural de Guimarães.

«O Tesouro do Rei de Ceilão». — Lisboa, Tip. da Academia, 1904.

«D. Isabel de Portugal, duqueza de Borgonha. Notas documentaes para a sua biographia, e para a historia das relações entre Portugal e a côrte de Borgonha». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1905.

«Entre as Princesas de Portugal, que se matrimoniaram no estrangeiro, occupando um trono, sobressai a Infanta D. Isabel, filha de D. João I, esposa de Filipe, duque de Borgonha, denominado o *Bom*, e mãe de Carlos, o *Temerário*, morto na desastrosa batalha de Nancy». Salienta que a côrte de Borgonha «era das mais suntuosas e das mais bem policiadas da Europa» e à influencia sensível e altamente apreciável que D. Isabel exerceu na vida do marido e na gerência do estado e do simpático papel que ela desempenhou na trágica desavença entre o Infante D. Pedro e D. Afonso V, como a embaixada que os duques de Borgonha enviaram a solicitar justiça e clemência para os já vencidos partidários do Infante. «Séculos depois, tanto em Burgos como em outras cidades da Bélgica, refugiaram-se igualmente os partidários da causa liberal portuguesa, que haviam abandonado a pátria para evitar as violências dos caudilhos miguelistas». Da comitiva, que acompanhou a duqueza a Flandres, faziam parte seis bêteiros: um deles, «Afonso Gonçalves, carniceiro, era morador em Guimarães e bêteiro de cavalo. Na sua folha de serviços destacam-se estes dois factos: o entrar no alardo de Leiria e o ter acompanhado el-rei, quando fôra a Entre-Douro-e-Minho». A carta, que *Viterbo* publica, de 25 de Maio de 1454, refere ainda que elle estivera «no palanque de Tanger».

«D. João, Príncipe de Candia». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1905.

«Duarte Galvão. Elementos para um estudo biographico». — Lisboa, Tip. da Academia, 1905. — Segunda Série: Coimbra, Imp. da Universidade, 1913.

«Ocorrencias da vida mourisca». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra, 1907.

«O Dote de D. Beatriz de Portugal, Duqueza de Saboia». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra. — Primeira Série: 1908; Segunda Série: 1909.

«Maximo José dos Reis, o ultimo Capitão-mor de Cintra». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra, 1908.

«D. Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha. Notas documentaes para estudo biographico d'esta princesa, e para a historia das relações da côrte de Portugal com a casa d'Austria». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra, 1910.

«A Princesa D. Isabel». — Lisboa, Tip. da Calçada do Cabra, 1910.

«Curiosidades historicas e artisticas». — Coimbra, Imp. da Universidade, 1919.

(<sup>31</sup>) (Vide nota 16).

«Manuel de Sousa Coutinho (Fr. Luis de Sousa) e a familia de sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena». — Lisboa, Tip. da Academia, 1902.

«Jorge de Montemor». — Lisboa, Tip. Calçada do Cabra, 1903.

«Inéditos. I — Interpretes de linguas orientaes. II — Estudos sobre Gil Vicente. A triologia das barcas». — Porto, Tip. da Empresa literária e Tipográfica, 1912.

«Heraldica literaria». — Lisboa, 1919.

(<sup>32</sup>) E' ver, por exemplo, «o quadro animado da sociedade no século XIV», que êle nos descreve a propósito da Carta de D. Dinis, em 1318, a favor do Mosteiro de Odivelas, em «Curiosidades históricas e artisticas» — II: *Personagens dos tempos idos*.

(<sup>33</sup>) Na «Historia da Literatura Portuguesa Ilustrada dos Séculos XIX e XX», publicada sob a direcção de *Albino Forjaz Sampaio*, depois de se noticiar apenas, numa secção de *Jornalismo*, que *Sousa Viterbo* e *Rebello da Silva* haviam trabalhado no *Instituto*, de *Viterbo* diz-se... isto: «Para a história das artes plásticas carregou abundantes materiais o incansável investigador *Sousa Viterbo* (1846-1910), que deixou uma vastíssima bibliografia» (pág. 318). Sim — tão vasta que, parece, não ter havido o cuidado, aliás dever imperioso, de a lerem, para ao menos verificarem a natureza dos abundantes materiais, que o incansável investigador havia carregado.